

O ensino de Música e suas aprendizagens na escola: práticas criativas em sala de aula

Luana Domingos Cesetti Gomyde
Universidade Estadual de Londrina
luanagomyde@uol.com.br

João Vitor Dyundi Nakao
Universidade Estadual de Londrina
joao_nakao@hotmail.com

Leandro Augusto dos Reis
Universidade Estadual de Londrina
ars_leandro@uel.br

Comunicação

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas das experiências vividas no contexto do estágio obrigatório do terceiro ano do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina. O estágio em questão ocorreu durante o ano de 2016 em uma escola pública estadual, situada na zona oeste da cidade de Londrina, que atende somente os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos). A turma selecionada foi o 8º ano B, composta por 26 estudantes, entre 12 e 14 anos. O recorte feito para a elaboração deste texto compreende três unidades didáticas aplicadas: “Conhecendo a paisagem sonora”, “Desenvolvendo uma escuta consciente” e “O som e os sentidos”. O objetivo central das atividades realizadas foi a compreensão e a construção de conceitos musicais relacionados aos temas abordados por meio do processo criativo dos estudantes, tendo como base uma metodologia pautada nas oficinas de Música. Priorizando sempre os atos criativos da turma, foi possível desenvolver uma proposta de Educação Musical significativa tanto para os estudantes quanto para nós, estagiários.

Palavras chave: Estágio. Ensino Fundamental. Práticas criativas na escola.

Considerações Iniciais

Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas das experiências vividas no contexto do estágio obrigatório do terceiro ano do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina. O estágio em questão ocorreu durante o ano de 2016 em uma escola pública estadual, situada na zona oeste da cidade de Londrina, que atende somente os anos

finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos). Como nossas atividades pedagógicas aconteceram no período matutino, no qual a escola possui classes apenas dos 8º e 9º anos, a turma selecionada foi o 8º ano B, composta por 26 estudantes, entre 12 e 14 anos. Esse contexto foi significativo para nosso planejamento, pois, ao entendermos as características de desenvolvimento e de aprendizagem específicas dos adolescentes (GARCIA, 2010), pudemos desenvolver uma atuação pedagógica mais assertiva e construtiva na proposição de aprendizagens de Música.

O tempo destinado às aulas de Música foi parte da carga horária da disciplina de Arte da grade curricular do Ensino Fundamental. Em relação ao espaço físico, realizamos quase todas as atividades na sala multimídia da escola, que possui um espaço amplo e é equipada com cadeiras, caixa de som e *data show*.

De modo geral, a maioria dos estudantes da turma apresentava interesse em aprender e se esforçava para participar das atividades. Também, mostravam muita facilidade na conversa e no debate dos assuntos abordados em sala de aula. No entanto, ao mesmo tempo em que demonstravam gostar de se expressar oralmente, apresentavam dificuldades quando provocados com a intenção de solucionar os conflitos propostos. Diante dessa situação, optamos por propiciar condições e oportunidades para que os estudantes pudessem refletir e criar sobre os temas tratados.

A partir desse cenário, buscamos pautar nossas ações pedagógicas na noção de Música enquanto jogo, possibilitando “a interrelação de processos e mecanismos necessários à construção do conhecimento”, pois o jogo “constitui-se como situação problema carregada de desafios visando à elaboração de estratégias de resolução e suscitando os mecanismos de tomada de consciência”. (REIS; OLIVEIRA, 2013, p. 149).

Elaboramos um Plano Geral de Ensino pautado no fazer musical criativo e crítico, com a exploração, manipulação e organização dos sons, em um primeiro momento a partir da paisagem sonora, que se tornou o elemento desencadeador dos processos criativos seguintes. Dessa forma, os objetivos de aprendizagem envolveram a compreensão e a construção do conceito de paisagem sonora e de outros conteúdos relacionados, por meio de experiências

lúdicas de apreciação e criação musical em diferentes arranjos interpares que permitissem a interação e a resolução de conflitos cognitivos. (REIS; OLIVEIRA, 2013).

Nossa prática de ensino guiou-se pela perspectiva das oficinas de Música, para que os estudantes pudessem se tornar indivíduos mais sensíveis, conscientes e humanizados por meio tanto da criação, quanto da performance ou da improvisação musical. Compreendemos que as oficinas de Música são espaços legítimos de vivências musicais, nos quais, a partir do processo de conhecer, o papel do outro e dos objetos de estudo na estruturação cognitiva do indivíduo são revelados. De acordo com Reis e Oliveira (2013, p. 155-156), devemos criar um espaço que propicie o ato criativo do sujeito e, ao mesmo tempo, possua uma estrutura organizada, com objetivo e metodologia delimitada, pois “[a] ênfase [...] está na produção do sujeito e o pesquisador [professor] atua como um encorajador sensível e flexível, porque [...] é imprescindível que ele também seja um criador em potencial”.

Para fundamentarmos nossa proposta, resgatamos também a pesquisa desenvolvida por Schafer (2011), que estudou a criação de um projeto acústico mundial, buscando a conscientização sobre os sons existentes. Em sua visão, o mundo torna-se uma vasta composição macrocósmica construída por tudo e por todos que soem. Assim, Schafer (2011) abre os ouvidos do mundo e possibilita a ampliação de nosso repertório sonoro, aspectos condizentes com a Educação Musical inserida no ensino formal brasileiro, especialmente por abranger todos os indivíduos, sem distinção de talento, faixa etária e classe social. (FONTERRADA, 2011, p. XIV-XV).

Apontamos, ainda, Santos (2004) com sua proposição de uma Educação Musical que não se distingue da composição ou da interpretação, pois traz a escuta como elemento central da prática musical escolar, permitindo enxergar a existência de um meio tão sonoro quanto musical. Nesse sentido, suscita questões que podem possibilitar a provocação e o amadurecimento dos indivíduos: “[o] que é isso que nos invade a todo momento e em qualquer lugar? O que é isso que ouvimos, se é que ouvimos? Como escutamos? O que escutamos?”. (SANTOS, 2004, p. 17).

A escolha dessa proposta resultou da convergência de vários fatores, dentre os quais podemos destacar, além da avaliação diagnóstica realizada com a turma, a relevância de

projetos elaborados por importantes educadores musicais contemporâneos. A seu modo, cada um dos teóricos citados aborda aspectos extremamente atuais da Educação Musical: preocupação com a ecologia acústica do mundo pós-moderno e seus futuros caminhos; ampliação dos conceitos musicais para englobar elementos das músicas dos séculos XX e XXI nas propostas de Educação Musical; formação completa do ser humano como objetivo primordial da Educação; papel ativo dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem; Educação Musical centrada no ato criativo.

Breve Relato da Prática de Ensino

A partir da observação das classes que seriam atendidas pelo estágio de Música, da escolha da turma com a qual trabalharíamos (8º ano B) e da elaboração do Plano Geral de Ensino a ser aplicado, desenvolvemos nossa proposta ao longo de doze aulas, nos três primeiros trimestres de 2016. O recorte que priorizamos para este artigo envolve três unidades didáticas intituladas: “Conhecendo a paisagem sonora”, “Desenvolvendo uma escuta consciente” e “O som e os sentidos”.

Inicialmente, com o objetivo de conhecer a turma, aplicamos um questionário diagnóstico e realizamos uma dinâmica para conhecer os nomes de todos, na qual formávamos um círculo e seus integrantes, um por vez, deveriam falar o nome de um colega em voz alta e ocupar seu lugar no círculo (quem ouvisse seu nome deveria dar continuidade a dinâmica). Realizamos, também, uma performance musical para nos apresentarmos aos estudantes. Tais atividades auxiliaram a traçar o perfil da turma e entender suas expectativas em relação às aulas de Música.

Após a realização das atividades diagnósticas, iniciamos o trabalho da unidade didática “Conhecendo a paisagem sonora” com a conceituação do tema. Na tentativa de provocar a construção do conceito de paisagem sonora, trouxemos definições e exemplos de paisagem encontrados em diferentes dicionários e como esse conceito é abordado nas áreas da Geografia e das Artes Visuais, permitindo que os estudantes pudessem compará-las com suas próprias respostas dadas à questão “o que é paisagem para você?” contida no questionário diagnóstico

respondido anteriormente. Por meio de atividades de reconhecimento dos sons presentes em pinturas e escuta de paisagens sonoras da cidade de Londrina, a turma pôde experienciar na prática o conceito de paisagem sonora que havíamos discutido previamente.

Em seguida, introduzimos o jogo “máquina humana”, que consistiu na construção de uma “máquina” na qual cada integrante do grupo, um por vez, deveria se posicionar escolhendo um gesto e um som (para repetir durante a atividade) que complementasse a parte da “máquina” já formada por seus colegas. Todas as atividades foram realizadas coletivamente, em pequenos grupos ou com a turma inteira.

Durante os meses de junho e julho, ministramos a segunda unidade didática, “Desenvolvendo uma escuta consciente”, que teve duração de três aulas. Nessa unidade, continuamos a trabalhar com o tema paisagem sonora e incluímos aspectos relacionados à prática da escuta atenta e consciente do ambiente.

Por meio de um exercício de limpeza de ouvidos passando uma folha sulfite em silêncio pela sala¹, pudemos suscitar na turma uma escuta mais atenta e debater sobre as seguintes perguntas: “foi difícil realizar o exercício?”; “é fácil ficar em silêncio?”; “o que é silêncio para você?”; “existe um silêncio absoluto?”. Feito isso, partimos para a apreciação e sonorização do trecho inicial do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin, atividade realizada em dois grupos, apenas com sons produzidos pelo corpo ou por objetos ao alcance dos integrantes na sala de aula. Depois, os estudantes tiveram que criar paisagens sonoras da chuva, de um zoológico e de um show com o uso de objetos cotidianos, voz e percussão corporal. As práticas envolveram todos os estudantes, juntos ou separados em dois grupos, para que pudessem exercitar o trabalho cooperativo em equipe. Além disso, após cada atividade, realizamos debates em que refletíamos sobre as práticas e como elas poderiam ser melhoradas.

Ao final da unidade, aplicamos uma autoavaliação escrita com o intuito de compreender melhor o processo de aprendizagem dos estudantes, como estavam ponderando sua participação nas atividades, o que ainda esperavam das aulas de Música e qual era sua

¹ (SCHAFFER, 2011, p. 60).

opinião em relação à proposta desenvolvida até o momento. No geral, as respostas revelaram um entendimento positivo acerca do tema tratado, como o caso de um aluno que descreveu a paisagem sonora como “imagine um lugar, mas só com sons” e também o caso de uma aluna que disse “é o som que representa a natureza, os barulhos das pessoas andando, carros etc”.

No mês de agosto, após três semanas de pausa, lecionamos mais duas aulas, nas quais resolvemos abordar objetivos da unidade anterior que não foram atingidos em função da falta de tempo necessário. Por isso, atentamo-nos mais para a construção dos conceitos de som, silêncio e ruído e para a discussão da influência do ambiente sonoro em nossa qualidade de vida.

As aulas foram dedicadas para trabalhar os conceitos de silêncio (“existe um silêncio absoluto?” e “o que é silêncio pra você?”), som (frequência e intensidade) e ruído (som errado no lugar errado) e como os sons presentes no ambiente podem prejudicar ou ajudar em nossa qualidade de vida. Assim, fizemos a leitura coletiva do texto “Som & Saúde: tudo que soa ressoa no seu bem estar”² e debatemos sobre o assunto. Em cada atividade, para que os estudantes incorporassem os conteúdos a partir de vivências, trouxemos exemplos do cotidiano e possibilidades de aplicação, como os aplicativos para celular de medição de decibéis e de reprodução de frequências.

Na última aula, como forma de encerramento de um primeiro ciclo e “gérmen” para as próximas unidades, executamos nossa versão da canção “Oh Chuva”, da banda Falamansa, e propusemos a inclusão da paisagem sonora da chuva na música.

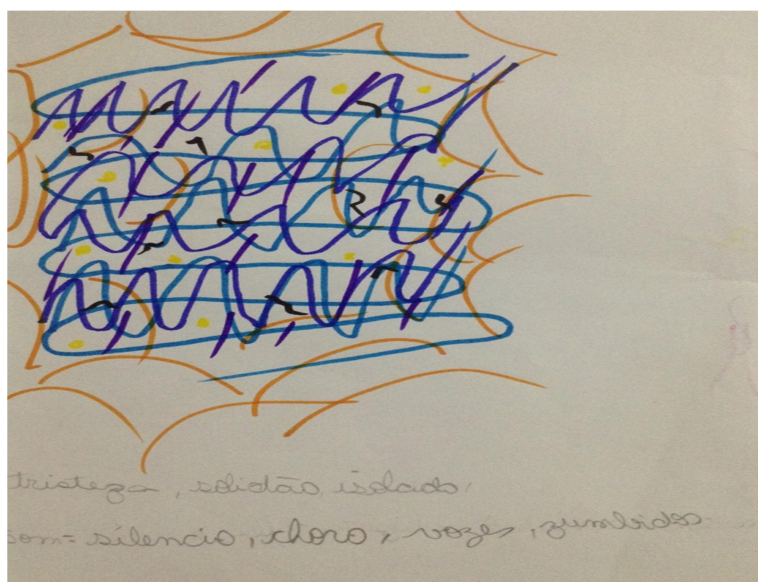
A terceira unidade didática, “O som e os sentidos”, foi iniciada a partir de um jogo em formato de *quiz* para retomar a questão dos aspectos físicos do som. Na sequência, foi realizada uma apreciação e discussão das músicas “Espera”, de Romulo Fróes, e “Toy Symphony”, de Leopold Mozart, pelo fato de ambas possuírem elementos da paisagem sonora. Ao ouvir músicas que possuíam aspectos de paisagem sonora, foi possível estabelecer uma ligação com a canção “Oh Chuva” que já havia sido apresentada na aula anterior. Por meio dessa relação, a turma deveria unir a canção com a paisagem sonora da chuva, sendo eles os

² Texto retirado da apostila “Escuta! A paisagem sonora da cidade” de Janete El Haouli et al. (2000).

responsáveis pela decisão da forma musical e dos momentos em que a paisagem sonora seria incluída.

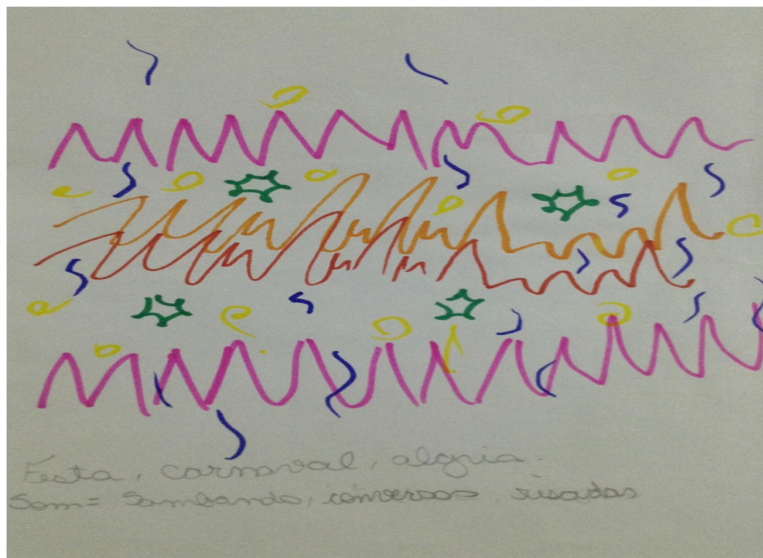
As últimas três aulas desta terceira unidade foram focadas na parte sinestésica, no sentido de relacionar sons com diferentes cores ou texturas. Por meio da apreciação de duas músicas com caráter diferente uma da outra, os estudantes criaram um desenho explorando todas as cores e formatos que os remetesse à música escolhida.

FIGURA 1 – Representação da música “Just Saying” de Jamie xx (caráter mais triste) feita por um estudante.



Fonte: autores do artigo.

FIGURA 2 – Representação da música “Picardia” de Thiago França (caráter mais alegre) feita por um estudante.



Fonte: autores do artigo.

Após a criação e reflexão do porque das escolhas artísticas de cada desenho, a turma, em quatro grupos diferentes, foi instigada a pensar um som para cada uma das cores escolhidas pelo professor: branco, preto, vermelho, azul e amarelo. Ao final da atividade, as respostas dos estudantes ainda estavam muito atreladas às características do pensamento concreto, pois haviam relacionado o vermelho com o som de um coração batendo e o azul com o barulho das ondas do mar, por exemplo.

Por meio de um vídeo³ que mostra um pouco do trabalho do artista plástico Muti Randolph, pudemos criar referências e nos conectar com o que estávamos criando e pensando em sala de aula. Partindo para a relação entre o som e o tato, foram apresentados aos estudantes objetos com diferentes texturas para pensarem nas características físicas dos objetos (duro/mole, liso/áspero, macio/firme, gelado/quente, líquido/sólido, etc). Feito isso, em grupos, eles tiveram que pensar nos sons de cada objeto escolhido pelo professor (lixa, algodão, sacola plástica, garrafa plástica, esponja e papelão) para, ao final, realizar a criação de

³ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oOIhbMVf8F4>>.

uma composição cuja partitura seria feita por meio da colagem dos objetos em um papel. A mesma dificuldade foi apresentada nesta atividade, porém, ao término do processo, os estudantes já estavam conseguindo se desprender do pensamento concreto e pensar de modo mais abstrato nos possíveis sons das diferentes texturas.

FIGURA 3 – Partitura gráfica da composição dos estudantes.



Fonte: autores do artigo.

FIGURA 4 - Partitura gráfica da composição dos estudantes.



Fonte: autores do artigo.

Considerações Finais

O estágio desenvolvido durante o ano de 2016 proporcionou muitas aprendizagens, tanto para os estudantes quanto para nós, estagiários. Desde o início das atividades, percebemos o perfil participativo e interessado da turma, que acolheu nossa proposta sem preconceitos e empenhou-se em sua realização. Sempre dispostos, os estudantes mostraram um crescimento significativo na prática e na reflexão musical durante as aulas.

Considerando os objetivos estabelecidos, pudemos verificar que os estudantes atingiram os resultados esperados: vivenciaram a paisagem sonora de diferentes maneiras, engajados em sua apreciação e criação; compreenderam e construíram os conceitos de silêncio, ruído, som, altura e intensidade; desenvolveram a escuta atenta e consciente do ambiente, percebendo os sons mais detalhadamente e relacionando-os com sua qualidade de vida; aprimoraram sua capacidade de discussão, exercitando o senso crítico e a autoavaliação; atuaram de forma cooperativa na execução dos jogos musicais, respeitando as diversidades presentes na turma. De modo geral, acreditamos que os estudantes, cada um em seu tempo, progrediram em seu processo de compreensão musical.

A evolução da turma coletivamente também foi perceptível, mesmo não ocorrendo de forma linear. Isto pôde ser observado na elaboração da paisagem sonora da chuva e na performance da canção “Oh Chuva” com a inclusão dessa paisagem sonora: atividades

realizadas em momentos distantes, que revelaram o entendimento de estruturação musical da turma, sua capacidade de autocrítica e o quanto haviam interiorizado da criação de uma paisagem sonora.

Devemos destacar que nosso trabalho teve como pilar as oficinas de Música como processo metodológico. Tal metodologia possui ênfase na criatividade (experimentação, manipulação e organização de sons) e na socialização, tanto no processo criativo como na avaliação deste, sendo o desenvolvimento do aluno, enquanto pessoa, o maior e mais importante objetivo. (REIS; OLIVEIRA, 2013). Utilizando essa metodologia, pudemos observar o interesse, o envolvimento e o crescimento dos estudantes da turma, fator fundamental para a aplicação de uma proposta que visou alcançar resultados significativos para todos.

Outro aspecto importante foi a definição do nosso papel de professores na sala de aula: estamos em uma nova era da educação programada para a descoberta e não para a instrução (MCLUHAN *apud* SCHAFER, 2011). Portanto, numa sala de aula programada para a criação, não há diferenciação entre estudante e professor, todos são aprendizes. O papel do professor é criar uma situação por meio de questionamentos, levantando os problemas necessários. Após isso, seu papel de professor termina no sentido em que ele não é mais a pessoa que sempre sabe a resposta, dando oportunidades de descobertas e autonomia para os alunos (SCHAFER, 2011).

Do mesmo modo, apoiamo-nos em Conrado Silva (1983) que diz que vivemos no mundo da “síndrome da nota”, pois somente reproduzimos o que já foi criado anos atrás na Música. Porém, as oficinas de Música propõem o inverso disso, fazendo com que os estudantes não fiquem presos a convenções e regras, mas, sim, utilizem seu próprio intuito de criação (SILVA *apud* SOBRINHO, 2005).

Assim como Koellreutter (*apud* BRITO, 2011), desejamos tratar do ser humano e de sua formação completa: sua abordagem ressalta a importância e o papel da Arte na vida humana, buscando uma educação ativa, pertinente a cada época e contexto, e empregando a Música como ferramenta da Educação. A Educação Musical passa a ser uma forma de desenvolvimento do indivíduo como um todo, despertando as faculdades de percepção, comunicação, trabalho em equipe, discernimento, análise e síntese, autoconfiança,

criatividade, senso crítico, sensibilidades, entre outras. (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2011, p. 43).

Mais do que uma formação musical especializada, pretendemos levar a Educação Musical com o objetivo de desenvolver globalmente as capacidades humanas. Portanto, “a música é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade” (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2011, p.26), fazendo com que, por meio dela, haja o desenvolvimento da personalidade do jovem como um todo, assim como o desenvolvimento de faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade. Isso revela que a Educação Musical tem o papel de transformar critérios e ideias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais. (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2011).

Em relação aos aprendizados enquanto estagiários, devemos destacar o crescimento profissional possibilitado pelas vivências do estágio. Ao assumir a regência das aulas em dupla, aprendemos a buscar caminhos para o trabalho em equipe, soluções para os imprevistos surgidos nas aulas, maneiras para cativar a atenção da turma, condições para resolver os desafios ocorridos, formas para contornar a falta de tempo e oportunidades para instigar a criatividade e a expressividade dos estudantes.

A segurança na prática docente é construída por meio da intersecção entre as teorias estudadas nas disciplinas do curso de Licenciatura e sua aplicação efetiva, experiência oportunizada e potencializada pelo estágio, que nos permite o contato direto com a prática didático-pedagógica do docente e com o contexto escolar no qual estaremos inseridos ao nos formarmos.

A partir das experiências vividas durante o estágio, pudemos, também, refletir sobre nosso papel enquanto professores e construir caminhos que tornassem as aprendizagens dos estudantes significativas. Poder trabalhar livremente e desenvolver uma proposta que compartilhava nossa bagagem musical, enquanto indivíduos, com os estudantes, proporcionou um importante crescimento, tanto profissional quanto pessoal. Ao mesmo tempo, graças à presença e supervisão de nosso professor da Universidade, sentimos confiança e apoio para aprender com nossos aparentes erros.

O estágio possibilitou, ainda, a desmistificação do ensino público brasileiro, apresentando a diversidade das realidades escolares em nosso país, as dificuldades burocráticas enfrentadas cotidianamente pelos professores, as falhas no sistema formal de Educação, as alternativas inovadoras e integradoras viáveis e os projetos relevantes e bem-sucedidos. Semeando, portanto, a coragem e a esperança para provocar questionamentos e mudanças no processo de formação dos indivíduos, estudantes e futuros educadores.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2011.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Apresentação à primeira edição brasileira. In: SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. XIII-XVI.

GARCIA, Heloiza Helena G. de Oliveira. *Adolescentes em grupo: aprendendo a cooperar em oficina de jogos*. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

REIS, Leandro Augusto dos; OLIVEIRA, Francismara Neves de. Oficina de Música: a compreensão da música como jogo e o fazer musical criativo. *Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v. 5, n. 1, p. 147-168, 2013.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. *Por uma escuta nômade: a música dos sons da rua*. 2. ed. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2004.

SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SOBRINHO, Danielle. *Oficina de Música: a exploração da criatividade na sala de aula*. Rio de Janeiro, 2005.